
A ORAÇÃO ALÉM DAS PALAVRAS

Phoenix Maria Finardi Martins¹

RESUMO

Sendo definida como uma forma de comunicação, a oração pode ir muito além das palavras, incluindo o silêncio, gestos, expressões e diversas ações que estabeleçam um relacionamento entre Deus e os homens. Ao considerar e propor diferentes formas de oração é possível ampliar essas interações entre Deus e os homens, oferecendo diversas oportunidades de experiências com o Criador.

Palavras-chave: Oração. Comunicação. Relacionamento. Palavras.

ABSTRACT

Defined as a way of communication, prayer can go beyond words, including silence, gestures, expressions and many actions that build a relationship between God and men. Considering and proposing different ways of praying expand those interactions between God and men, providing several opportunities of experiences with the Creator.

Key-words: Prayer. Communication. Relationship. Words.

INTRODUÇÃO

O que é a oração? Geralmente ela é definida como uma conversa com Deus, um diálogo com o Criador. Do latim, orare, significa pedir, discursar, pleitear.

A primeira definição para oração nos dicionários é o verbo PEDIR. Talvez por isso a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos em oração é isso – uma petição. Na verdade, uma lista de pedidos.

No Dicionário Aurélio, oração é pedir, falar, rezar, discursar. No Dicionário Informal ela inclui confissão, adoração, comunhão, gratidão, petição pessoal e intercessão pelos outros. No Dicionário Online de Português ela é também discurso, exposição e fala. Todos esses são verbos que implicam em palavras. Oração é falar com Deus. Mas será só isso?

¹ Jornalista – Graduada em Teologia – Unifil - 2015. E-mail: phoenixfinardi@gmail.com.

No culto sacerdotal ela era representada pelo altar do incenso – uma representação que não guarda nenhuma relação com palavra falada. Há autores e místicos que falam da oração como relacionamento, comunicação – estar diante de Deus. Então a oração poderia ser silêncio? Contemplação? Ou qualquer outra ação que levasse o ser humano ao encontro do Criador?

As igrejas focam sempre num mesmo tipo de oração: um discurso (muitas vezes repetitivo, dependendo da religião), em que se agradece, e se pede. Se pede muito. Mas, se a oração é uma conversa, onde está o ouvir? Porque não somos ensinados a ouvir? Será que as igrejas não deveriam ensinar outros tipos de oração? Outras formas de orar, a não ser a falada?

O objetivo deste artigo é explorar justamente essa questão e definir melhor a oração, buscando alternativas que vão além da fala: o que é e como pode ser a oração cristã. Quanto mais ampliado for esse conceito, mais liberdade ele trará às pessoas que desejam orar. Além disso, ao propor diferentes formas de comunicação entre os seres humanos e Deus, também se oferecem oportunidades diversas de experiências com o Criador, que poderão tornar-se muito mais significativas do que a comunicação oral.

87

O QUE BÍBLIA DIZ SOBRE A ORAÇÃO

No Antigo Testamento, escrito em hebraico, as palavras para oração também são sinônimas de: interferir, mediar, julgar. No Novo Testamento, escrito em grego, os termos usados como oração também significam rogar, desejar e prover. Na Bíblia, a palavra oração inclui confissão (Sl 51); adoração (Sl 95:6-9) e (Ap 11:17); comunhão (Sl 103:1-8); gratidão (1 Tm 2:1); petição (2 Co 12:8) e intercessão (Rm 10:1).

Um dos trechos bíblicos mais utilizados para definir oração são os capítulos 6 e 7 de Mateus, onde o próprio Jesus nos ensina a orar. “Quando vocês orarem, fechem a porta do seu quarto, e o seu pai, que vê em secreto, vos dará a recompensa” (Mt 6:6).

Jesus diz que a oração não é algo que Deus ouve, mas algo que Deus vê. Assim, a oração não seria somente algo que se diz, mas também algo que se faz.

Em Mateus 7:7-8, embora Jesus comece definindo a oração como um pedido, ele também afirma que ela é ação: bater e buscar. “Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e

abrir-se-vos-á. Pois todo aquele que pede, recebe; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á”.

E certamente não só uma ação nossa, mas também do próprio Deus. O escritor Philip Yancey sugere que a oração é justamente uma chance para Deus agir – não só a nosso favor, para nós, mas em nós: “A oração oferece uma oportunidade para Deus nos remodelar, esculpir o mármore como um escultor, retocar as cores como um artista, editar as palavras como um escritor” (YANCEY, 2007). Sendo obra de Deus e criação dele, ao entrarmos em contato com ele permitimos – e o convidamos – a continuar sua arte em nós.

Vale a pena lembrar que mesmo orando palavras, elas não precisam necessariamente ser pronunciadas. Ao serem escritas elas não deixam de ser oração. “O que é a oração senão a fé falando com Deus”, (RYLE, 2016).

De fato, muitas orações, ao serem redigidas, se perpetuam; são lidas e repetidas, passando de boca em boca, de coração em coração. Segundo Luci Shaw (1989), ela pode ser feita de maneira periódica.

Percebo que escrever um diário pessoal consistente é uma forma de oração. À medida que vou escrevendo, honesta e transparente diante de mim mesma e de Deus, tenho a oportunidade de tomar consciência da presença divina que dirige meus pensamentos e minhas conclusões.

Quando Jesus nos ensinou a orar, ele fez da oração algo simples. Tão simples como a comunicação entre uma criança pequena e seu pai, a quem ela chama de ABA, que significa paizinho, no hebraico. Portanto, segundo Jesus, não é a estética das palavras ou a quantidade delas que estabelece uma boa comunicação com Deus. “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles”. (Mateus 6: 7-8).

No entanto, embora devesse ser simples, pouca coisa foi tão dissecada, analisada e categorizada dentro do Cristianismo como a oração. A teologia está repleta de fórmulas e análises, exemplos e descrições da oração. Existem classificações para orações: Oração de Intercessão, Oração de Súplica, Oração de Entrega, Oração de Cura, etc. E categorias de oração: Oração Forte, Oração Poderosa, Oração Objetiva, Oração Certeira.

Toda essa teoria, de certa forma, acaba tirando a espontaneidade da oração. Existem tantos conceitos e “receitas” de como orar, onde orar, por que orar, em que posição, a que

hora do dia, tantos detalhes sobre a oração, que acabam suprimindo a criatividade e a liberdade de quem ora.

Embora deva ser simples, e seja tão estudada e explicada, em detalhes e minúcias, a maioria dos teólogos reconhece que a oração não é fácil. Heinrich Emil Brunner fala da oração como um esforço. “Orar é mais difícil do que trabalhar, exigindo tanto mais esforço. De cem homens que não temem o esforço do trabalho, apenas alguns poucos suportam o esforço da oração” (BRUNNER, 1966). Qual seria o esforço da oração? Um esforço ainda mais difícil do que o exigido pelo trabalho?

Em primeiro lugar, o esforço de procurar a Deus. Depois, o esforço de se colocar diante de Deus e permitir que Ele nos diga a verdade. Em terceiro lugar, o esforço da comunicação; entender-se, para poder fazer-se entender. Encontrar palavras, gestos ou formas de expressar nossos sentimentos e pensamentos. Em quarto lugar, o esforço da fé, porque é preciso crer que o outro – Deus – está ali. Precisamos crer sem ver, sem ouvir, sem sentir, sem cheirar, sem tocar. Brunner diz que para orar é preciso primeiro ter certeza da presença de Deus, Por isso ele afirma que a fé vive da oração. “Sim, a fé essencialmente não é outra coisa do que orar. No momento em que cremos realmente, já estamos orando”. Para ele, a oração é a prática da fé: “Quanta oração, tanta fé” (BRUNNER, 1966).

E, no entanto, se esse esforço é transposto e vencido, pode-se ver a oração com outros olhos, como algo a ser vivido, mais do que feito. Algo natural como a vida. “Eu oro como respiro”, (KIVITZ, 2017).

Essa abordagem poderia explicar outras duas coisas que a Bíblia diz sobre oração: que ela deve ser ininterrupta, e que pode ser feita em todo lugar. “Orem continuamente”, diz Paulo aos tessalonicenses (1 Ts 5:17). E “orem em todo o lugar”, diz ele (1 Tm 2:8). Para orar o tempo todo, e em todo lugar, precisamos mais do que palavras.

As palavras são apenas uma das muitas formas que temos para nos expressar. No entanto, a oração precede às palavras, ela começa no coração e muitas vezes não pode ser traduzida no discurso; muitas vezes as palavras não encontram o sentimento, e por isso não fazem sentido. Quanto mais profundas as dores humanas, mais difícil traduzi-las em palavras. Por isso o Salmo 62 diz “Derramai perante Deus o vosso coração...”. Porque a oração não é o que se fala, mas o próprio coração colocado diante de Deus.

Essa ideia é expressa por Henri Nouwen ao definir a oração como “um modo de vida”. Para ele, orar seria viver sempre consciente da presença de Deus e as palavras seriam “apenas

um modo de expressar a realidade da oração” (NOWEN, 2000). Nowen destaca a oração hesicástica, que “leva ao descanso em que a alma habita com Deus. É a “oração do coração”, que dispensa palavras ao nos colocar diante do Senhor.

Rezar é ficar na presença de Deus com a mente no coração, isto é, naquele ponto de nossa existência em que não há divisões nem distinções e onde somos totalmente um. Ali habita o Espírito de Deus e ali acontece o grande encontro. Ali, coração fala a coração, porque ali ficamos diante da face do Senhor, onividente, dentro de nós.

E quando a oração prescinde das palavras, ela pode adotar mil outras formas: gestos, olhares, atitudes, silêncios. Em Apocalipse 5:8 a oração é perfume: "...e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos".

ORAÇÃO E COMUNICAÇÃO: FALANDO COM DEUS ALÉM DAS PALAVRAS

90

A definição da oração gramatical é a menor unidade da fala que transmite uma mensagem completa em si mesma. Ao pensarmos na oração bíblica, que também é uma forma de comunicação, podemos aproveitar a mesma definição, esclarecendo que ela é toda expressão que transmite uma mensagem e estabelece uma relação entre o homem e Deus.

Se entendemos que oração é comunicação, podemos classificá-la como verbal e não verbal. E é justamente esta última que nos oferece inúmeras possibilidades.

Muitos teólogos perceberam este aspecto da oração, que ela transcende as palavras. John Bunyan dizia que “Na oração, é melhor ter um coração sem palavras, do que palavras sem um coração” (BUNYAN, 2008), enfatizando a comunicação do sentimento acima do exercício da linguagem.

Nesse aspecto, Agostinho escreveu sobre a oração como vivência. Ele dizia “Vive-se como se reza”, colocando a oração como a própria expressão individual, não só em palavras, mas em atitudes, ações, gestos, silêncios. “Vou te dar um meio de louvar a Deus durante o dia inteiro, se o quiseres. Tudo o que fizerdes, faze-o bem e terás louvado a Deus” (AGOSTINHO, 1997). É assim que ele resolve o mandamento “Orai sem cessar”, explicando que tudo o que fazemos pode ser uma oração.

De maneira semelhante os monges beneditinos vivem esse mesmo conceito. Seu lema **Ora et Labora** indica que é possível viver e trabalhar orando. Ele parte do princípio de que não é preciso deixar o mundo para chegar a Deus, mas que é possível encontrar a Deus em todas as coisas do mundo. Por isso eles oram enquanto trabalham, e trabalham enquanto oram.

Agostinho também afirma que “Quem canta ora duas vezes” (AGOSTINHO, 1997). A Bíblia diz: “Recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai de todo o coração os louvores do Senhor” (Ef 5:19). Portanto, cantar é orar. É possível orar cantando.

O evangelista Jonatan Edwards descreve essa experiência em um de seus diários, conforme narrado por Fredrick Youngs para A Revista da Associação Nacional de Professores Batistas de Religião (NABT,1982).

A excelência de Deus, sua sabedoria, sua pureza e amor pareciam aparecer em tudo; no sol, na lua e nas estrelas; nas nuvens e no céu azul; na grama, nas flores, nas árvores; na água e em toda a natureza, as quais ele usou grandemente para consertar minha mente... E, enquanto eu observava... como sempre parecia natural para mim, eu cantava todas as minhas meditações, falando os meus pensamentos em solilóquios e falando-os como um canto.

91

Agostinho ainda vai mais longe e define a oração como o desejo: “Teu anseio é tua oração. E se for um anseio constante, é uma oração constante” (AGOSTINHO, 1997). Portanto, o simples fato de desejar ou ansiar pela Presença do Senhor é orar.

A mística francesa Madame Guyon define a oração como uma profunda relação com Deus. Para ela, a oração é o que nos leva à Presença de Deus, e nos faz andar em comunhão com Ele, permanecendo com Ele todo o tempo, em qualquer lugar, em qualquer circunstância, e a qualquer hora.

Essa oração não interrompe nossa vida exterior, nem interfere nas nossas atividades do dia a dia; não nos incapacita para o trabalho secular, nem para ter outros relacionamentos humanos. É uma oração que pode ser feita por qualquer um, e que não nasce da mente humana, e sim do coração. Ela chama essa oração de “oração da simplicidade” (GUYON, 20002).

Para aqueles que querem aprender essa oração, ela sugere que comecem “orando as Escrituras”. Isso seria tomar uma passagem da Bíblia, se aquietar diante de Deus e ler com atenção, compreendendo o que está escrito, até ser capaz de transformá-la numa oração, ao extrair sua essência.

Outra forma de aprender a oração da simplicidade é “contemplar o Senhor”. Para isso também se usa a Bíblia, mas a finalidade da leitura agora é entrar na Presença do Senhor, sentir a Presença Dele, levar-nos até Ele. Assim, a leitura não tem como objetivo obter entendimento mas voltar a mente das coisas exteriores para as profundezas do nosso ser. Madame Guyon ensina que somente ali nós encontramos o Senhor, dentro do nosso espírito. Essa oração também é um exercício, pois toda vez que nossa mente se distrair, precisamos diligentemente trazê-la de volta à Presença de Deus. E mesmo aqueles que não sabem ler podem fazer isso: desde que aprendam a fechar os olhos corporais e abrir os olhos da alma, reconhecendo pela fé a Presença viva de Deus em nós.

Ao retirar as palavras da oração, percebe-se que é possível orar em silêncio. É possível dizer muito, sem falar nada. Quem pratica esse tipo de oração começa a perceber que o silêncio e a contemplação não são simplesmente um estado de inatividade, mas estão repletos de unção e plenitude. É um silêncio de quem tem muito a dizer. E assim, a oração se torna menos algo que tem a ver com palavras, e mais algo que tem a ver com silêncio.

Falando sobre isso, o pastor brasileiro Ed René Kivitz diz (KIVITZ 2017):

Acho que perdemos a capacidade de ficar em silêncio na presença de Deus, porque para nós orar é convencer, comover e conquistar. Às vezes me dá a impressão que a oração é um processo de argumentar para convencer, chorar para comover, e fazer força para mover o braço de Deus. E para isso, nossa grande arma é a palavra. No entanto, a nossa verdadeira oração começa no silêncio.

Ao chegar a este ponto, temos consciência da Presença de Deus. Para percebê-la é preciso apenas acessar o silêncio ou a quietude interior, a solidão. Tão logo os olhos do corpo se fecham, a alma se encontra em oração. A alma que está em estado de quietude e silêncio interior não precisa de palavras para orar.

OUVINDO A DEUS

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (HB 1:1, 2).

Oração também é ouvir, pois toda comunicação é ação de transmitir uma mensagem e receber outra mensagem como resposta. No dicionário Infopédia da Língua Portuguesa ela é uma troca de informação, e o estabelecimento de uma relação.

Como em qualquer forma de comunicação, a oração também prevê a recepção de uma mensagem. Além de falar com Deus, ao orar, precisamos ouvi-lo, receber dele uma mensagem e estabelecer com Ele uma relação. Mas, como Deus fala conosco? O próprio Deus nos ensina. Ele se expressa de maneira poderosa e criativa, até mesmo sem usar palavras.

Uma anedota sobre Madre Teresa de Calcutá diz que certa vez lhe perguntaram o que ela falava quando orava. E ela respondeu: “Não falo nada, só escuto”. Então indagaram: e o que Deus diz? E ela: “Ele também não diz nada, só escuta”.

Deus usa a natureza, sua criação, para chamar-nos a atenção. A sarça ardente no deserto, que intrigou Moisés, é um bom exemplo disso (Ex 3:2). Os sons de trovões e relâmpagos no Monte também eram a “voz de Deus” para os israelitas (Ex 20:18). O arco nas nuvens (GN 9:14) é outra expressão natural que Deus usa para comunicar-se com os homens, sem necessidade de palavras.

A arte costuma ser definida como uma forma de expressão. O artista pinta, esculpe, compõe, para expressar uma ideia, ou um sentimento, um conceito ou valor. Deus faz o mesmo com a criação. “Os céus declaram a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 19:1). Paulo explica esse conceito em Romanos: “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas” (Rm 1:19-22). Deus se expressa, se comunica conosco, também através de suas obras. Portanto, por que não seria possível contemplar as obras de Deus e pensar em sua grandeza, sua majestade, sua criatividade? Essa percepção do que e de quem Deus é também é definida como adoração; e a comunicação da adoração a Deus é ... oração.

O falecido jornalista inglês Malcolm Muggeridge, em seu livro *Jesus Redescoberto*, confirma essa ideia. “Todo o universo material é uma mensagem em código de Deus, a qual os míticos, artistas e cientistas se esforçam para decifrar” (MUGGERIDGE, 1969).

Essa percepção da natureza como um meio, onde Deus “fala” conosco diariamente, através de imagens, sons, texturas, com mensagens que atingem os cinco sentidos humanos, não é um conceito novo. No século XV o jesuíta francês Jean-Pierre de Caussade escreve (CAUSSADE, 2004):

Quando os espíritos recebem a compreensão da fé, Deus fala com eles através de toda a criação, e o universo se torna para eles um testemunho vivo no qual o dedo de Deus continuamente traça, diante de seus olhos, o registro de cada momento, uma escritura sagrada.

O escritor contemporâneo Brennan Manning confirma (MANNING, 2007):

Nosso mundo é saturado com graça, e a presença furtiva de Deus é revelada não apenas no espírito, mas na matéria – um gamo que atravessa aos saltos uma campina, no voo de uma águia, no fogo e na água, num arco-íris após uma tempestade, numa corsa gentil correndo pela floresta, na Nona Sinfonia de Beethoven, numa criança lambendo um sorvete de chocolate, no cabelo ao vento de uma mulher. Deus queria que descobríssemos sua presença amorosa no mundo ao nosso redor.

E muitas vezes Deus é descoberto nas coisas mais improváveis, falando conosco sobre as coisas mais importantes. No seu leito de morte, John Donne ouvia diariamente o sino da igreja que ficava próxima a sua casa, e o badalar daquele sino tornou-se para ele a voz do próprio Deus (DONNE, 2009):

Ó eterno e mui gracioso Deus, que se agrada de falar conosco, não somente na voz da natureza, que fala em nossos corações, e da sua palavra, a qual fala aos nossos ouvidos, mas na fala de criaturas sem fala, na mula de Balaão, e no discurso de incrédulos, na confissão de Pilatos, na voz do próprio diabo, reconhecendo e atestando o Teu Filho; eu humildemente aceito a tua voz no som deste triste sino funeral”.

94

De acordo com Madame Guyon, a contemplação nos permite aprender a abordar a Deus com facilidade, tornando a oração cada vez mais prazerosa, pela facilidade em encontrar a presença de alguém a quem desejamos e amamos. Essa oração vai se tornando cada vez mais fácil, cada vez mais natural, e contínua. Ela se torna um hábito, um modo de vida.

A prática de uma oração assim nos leva a entregar toda a nossa existência a Deus, descansando e confiando que tudo que nos acontece é a Sua vontade imediata e permissão. Isso nos trará contentamento e paz em todas as circunstâncias da vida. Madame Guyon explica que aquele que sabe abandonar-se assim a Deus, atinge a perfeição.

Brunner diz que “a oração é uma declaração de impotência, é a entrega da vida” (BRUNNER, 1966).

Não há métodos, há apenas essa oração da simplicidade, dirigida pelo Espírito de Deus, e não pela invenção humana. Ele não precisa das nossas palavras ilustres e rebuscadas, das nossas palavras decoradas. Ele fala a linguagem do amor, e ela é simples e verdadeira. Todo exercício de oração discursiva e de contemplação ativa não pode nos levar a Deus. Tudo que é do homem deve ser destruído para que o que é de Deus possa ser edificado. Para unir a pureza de Deus com a impureza da criatura humana, somente uma operação do próprio Deus.

Portanto, a alma nunca chegará a Deus senão quando se aquietar, silenciar e se abandonar a Ele. Só podemos estar unidos a Deus em simplicidade. Nós podemos desejá-Lo, mas só Ele pode de fato nos unir a Ele.

Certamente por isso Madame Guyon também recomenda o silêncio na oração. O nosso silêncio permite que Deus fale conosco e também demonstra um amor puro e desinteressado, que não busca a Deus senão para agradá-Lo e fazer a Sua vontade. Essa oração está muito distante da oração moderna que mais parece uma lista interminável de coisas que queremos que Deus nos faça ou nos dê.

Soren Kierkegaard escreveu: “Alguém orava pensando, a princípio, que a oração era falar; mas foi-se calando mais e mais até que, afinal, percebeu que a oração é ouvir” (KIERKGAARD, 2005).

Para Emil Brunner, a oração também é mais ouvir do que falar. “Das trevas do Cosmos nos soa a voz do Pai. Ele nos chama, quer trazer-nos para junto de Si. É algo de inédito se uma pessoa ouve essa voz e reconhece: Estou salvo, agora. Deus está presente” (BRUNNER, 1966).

E quando desistimos de falar, pedindo ou nos justificando, tentando impressionar a Deus com nossas palavras, o que ouviremos? Talvez esse seja o momento em que comecemos a perceber a presença de Deus, algo que nenhuma palavra pode transmitir ou descrever.

“A oração é, essencialmente, a expressão do nosso coração que anseia por amor. Não é tanto a lista de nossos pedidos, mas a nossa aspiração mais profunda: estar unidos a Deus da forma mais completa possível” (IMBACH, 1992)

É curioso o que “sobra” da oração, ou o que a oração se torna, quando ela é sem palavras. O próprio Deus ora sem palavras: “Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis”. (Rm 8:26).

Um gemido pode ser uma expressão de dor, ou de profundo prazer. Mas ao interceder por nós com gemidos que sequer somos capazes de imitar, Deus nos diz que podemos nós também orar assim, com murmúrios, gemidos e sons que não fazem sentido para nós, mas que Ele é capaz de compreender.

A oração pode ser como o balbuciar incompreensível de uma criança pequena, que só pode decifrado e traduzido por sua mãe. Nós também podemos dizer coisas que só Deus é

capaz de entender. O Salmo 131 fala da oração como um lugar de descanso, onde podemos aconchegar-nos a Deus “como uma criança que acabou de mamar (Sl 131: 2).

Assim como a comunicação não verbal pode ser feita com gestos, a oração pode ser feita apenas com lágrimas, com caretas, com expressões faciais... ou corporais, que o Criador entende.

Em muitas religiões, a atitude de prostrar-se, ou lançar a própria face à terra, diante de Deus, é uma expressão que indica profundo temor, respeito e veneração. Em momentos de profunda comoção, quando as palavras nos faltam, os gestos se tornam mais significativos.

UM CÓDIGO PRÓPRIO DE COMUNICAÇÃO COM DEUS

Podemos criar um código próprio de comunicação com Deus, como aqueles que amigos e irmãos muito chegados usam, e que se constitui de palavras, expressões e gestos que só eles compreendem, pois só têm significado dentro de um contexto particular que apenas eles conhecem e vivenciam. Certa vez Deus me falou sobre um pássaro, um bem-te-vi, e desde então, cada vez que eu vejo um bem-te-vi eu penso em Deus, e o amo; jogo um beijo ou sorrio para Ele. E quem pode dizer que isso não é uma oração?

Há uma história sobre um homem que todos os dias entrava na floresta, fazia uma fogueira, dançava e cantava para Deus; e Deus o ouvia. Depois de algum tempo, ele começou a envelhecer e já não dançava, só fazia a fogueira e cantava. E Deus ouvia. Mais tarde, não lembrava mais das músicas, não fazia fogo, mas sentava na clareira e falava. E Deus ouvia. Então chegou um dia em que ele não tinha mais forças para entrar na floresta, e só conseguia sentar na cadeira de balanço no terraço da sua casa, e murmurar baixinho. No final, não havia mais floresta, nem fogueira, dança ou música, era só ele sentado, quietinho... e Deus ouvia.

Portanto, após essa breve exposição, podemos concluir que a oração, de fato, é muito mais do que pedir, e que ela realmente transcende as palavras, partindo do silêncio, muitas vezes permanecendo no silêncio, e terminando nele. Pode ser libertador não precisar escolher palavras para se expressar, principalmente quando o que sentimos não pode ser descrito em palavras.

Ao incluir na oração outras ações e atitudes como gestos, dança, canto, a contemplação e até mesmo as atividades rotineiras como o lavar a louça, varrer o chão, considerando que todas essas coisas estão sendo feitas diante de Deus, e com a intenção de

servi-lo e agradá-lo, expandimos grandemente o conceito da oração, e percebemos que podemos orar muito mais, com mais liberdade, e em qualquer lugar e circunstância.

Da mesma forma como usamos todos os meios para falar com Deus, percebemos que Ele também usa infinitas maneiras para se comunicar conosco. Essa percepção deve nos tornar mais atentos para a Sua Presença, e nos ensinar a decifrar suas mensagens, criando códigos próprios entre nós e Ele e ampliando nossas possibilidades de interação.

Finalmente, ao perceber que a oração é simplesmente colocar o coração diante de Deus, passamos a vê-la como uma expressão de amor. Amar a Deus, desejá-lo, ansiar por Ele, querer conhecê-lo... essas são as prerrogativas da oração. E num relacionamento de amor, todas as formas encontradas para expressar esse amor são válidas.

O primeiro mandamento nos diz para amar o Senhor de todo nosso coração, com toda a nossa alma, todo nosso entendimento e todas as nossas forças. E assim, nossa vida pode ser transformada em oração, ao usar nossos sentimentos e nossa inteligência, traduzidos em palavras ou silêncio, expressos de todas as maneiras que nosso corpo, alma e mente possam conceber, para nos relacionarmos com Deus em todo o tempo, lugar e circunstância.

“O pulso da oração é o louvor. O coração da oração é a gratidão. A voz da oração é a obediência. O braço da oração é o serviço”. (WARD, 2001).

97

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentários aos Salmos**. São Paulo: Paulus, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BÍBLIA de estudo pentecostal. São Paulo: CPAD, 1995.

BÍBLIA de estudo. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BUNYAN. J. **O Peregrino**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

BRUNNER, H.E. **Nossa Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1966.

CAUSSADE, J.P. **On Prayer**. EUA: Lightning Source, 2004.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 17 mar. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

DONNE, J. **Devotions upon Emergent Occasions**. Inglaterra: Dodo Press, 2009.

GUYON, J. **Experimentando as profundezas de Jesus Cristo através da oração**. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2002.

IMBACH, J. **The Recovery of Love. Christian Mysticism and the Addictive Society**.. New York: Crossroad, 1992.

KIERKGAARD, S. apud BARREIROS, A. **Buscar a Deus e encontrar-se em Deus. Como orar no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 2005.

KIVITZ, E. R. **Oração Legítima**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QeaDZUnsv8>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MANNING, B. **O Impostor que vive em mim**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MUGGERIDGE, M. **Jesus Rediscovered**. Great Britain: Fontana Books, 1969.

NOUWEN, Henri J. M. **A Espiritualidade do Deserto e o Ministério Contemporâneo - O Caminho do Coração**. São Paulo: Loyola, 2000.

RYLE, J.C. **Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

SHAW, L. **God in the dark** (Deus na escuridão). Michigan: Grand Rapids, 1989.

WARD, W. **The Westminster Collection of Christian Quotations**. London: Westminster John Knox Press, 2001.

YANCEY, P. **Oração ela faz alguma diferença?** São Paulo: Editora Vida, 2007.

YOUNGS, F. **Jonathan Edwards, A Mystic?** New Haven: Journal of NABPR. Yale University Press, 1998.